

LEITURA E ORALIDADE

ALGUNS ASPECTOS FONOLÓGICOS DO IRLANDÊS

João Bittencourt de Oliveira (UERJ e UNESA)
joao.bittencourt@bol.com.br

INTRODUÇÃO

O *irlandês* (*Gaeilge*), também conhecido como gaélico irlandês, é um idioma falado como língua nativa na ilha da Irlanda (em irlandês *Éire* e em inglês *Ireland*) por cerca de 355.000 pessoas, predominantemente nas zonas rurais ocidentais da ilha. O irlandês já havia sido a língua principal da ilha antes de os ingleses a conquistarem durante a Idade Média.

A partir de 1922, com a independência da República da Irlanda (chamado originalmente "Estado Livre Irlandês"), o irlandês passou a ser, juntamente com o inglês, o idioma oficial do país. Desde 13 de junho de 2005, o irlandês é um dos idiomas oficiais da União Europeia. Desde 1998, com o Acordo de Belfast⁵, o irlandês é também reconhecido como língua minoritária na Irlanda do Norte. O censo de 2002 revelou que aproximadamente 42 % da população da Irlanda é capaz de falar a língua com relativa facilidade. As comunidades e regiões onde se fala o irlandês são chamadas *Gaeltachtaí* (no singular, *Gaeltacht*). A *Gaeltacht* com maior população é Conamara, no Condado de Galway (*Contae na Gaillimhe*) e nas Ilhas Aran (*oileáin Árann*). Há também falantes na Inglaterra (Ríocht Aontaithe), Estados Unidos (Stáit Aontaithe Mheiriceá), Canadá (Ceanada) e Austrália (an Astráil).

Com a obrigatoriedade do estudo da língua nas escolas públicas, o número de falantes tem crescido satisfatoriamente nas últimas décadas. Embora seja ainda o inglês a língua predominante da República da Irlanda, existem vários jornais, revistas e emissoras de rádio que veiculam mensagens em irlandês. Tem-se notícia da criação de

⁵ O *Acordo de Belfast* (também conhecido por *Acordo de Sexta-feira-Santa*) foi assinado em Belfast em 10 de Abril de 1998 pelos Governos Britânico e Irlandês e apoiado pela maioria dos partidos políticos norte-irlandeses. O acordo tinha por finalidade acabar com os conflitos entre católicos e protestantes e o referendo foi votado favoravelmente por larga maioria tanto na República da Irlanda como na Irlanda do Norte.

um canal de televisão que transmite suas programações totalmente em língua irlandesa (*Teilifís na Gaeilge*, o TG4). A música e o cinema têm sido grandes aliados na divulgação de temas relacionados à cultura, ao folclore e à história do povo irlandês.

O irlandês contemporâneo comporta três variantes dialetais: Ulster (Cúige Uladh), no norte; Munster (*An Mhumhain*), no sul; e Connacht (*Connachta*), na região central e ocidental da ilha. Cada dialeto apresenta pequenas diferenças na gramática, no vocabulário e na pronúncia, cujas marcas se acentuam mais fortemente nos dois primeiros. Há regras fixas para o padrão gramatical formal, mas não para a pronúncia. O irlandês é um dos membros da divisão gaélica das línguas célticas⁶.

ORIGEM DA ESCRITA IRLANDESA: O ALFABETO OGHAM

Os primeiros registros escritos em irlandês de que se tem notícia estão grafados em *ogham*, sistema de escrita alfabética conhecido basicamente através de inscrições do século V d.C., composto, em sua forma típica de 15 símbolos consonânticos, formados de linhas (riscos na borda da pedra) e de cinco símbolos vocálicos, formados de pontos (furos na pedra). Cerca de 500 dessas inscrições foram localizadas não apenas na Irlanda, mas também na Escócia, no País de Gales e na Inglaterra. Algumas representam formas arcaicas do gaélico e do *picto*⁷ e ainda não foram decifradas pelos linguistas. Foram também encontradas algumas inscrições bilíngues: em ogham e em latim.

Essas inscrições eram feitas em pedras e originalmente eram usadas para demarcar fronteiras territoriais (ou de propriedade) e mais tarde em lajes tumulares. Muitas dessas inscrições que sobreviveram e que já foram traduzidas apresentam a sequência de três sintagmas: nome da pessoa + nome do pai + nome da tribo. O conjunto das letras ogâmicas ficou conhecido como “Beth Luis Nion”, em re-

⁶ Para uma visão detalhada do domínio das línguas célticas, ver Oliveira (2005, p. 235-254).

⁷ Língua dos *pictos*, povos provavelmente pré-célticos, que habitavam o norte da Escócia no início da idade média. Do latim *picti*, literalmente “pintados” ou “tatuados”, assim chamados por pintarem o corpo, prática que já havia desaparecido entre outras tribos célticas.

LEITURA E ORALIDADE

ferência ao nome da primeira, segunda e quinta letras desse alfabeto, de certa forma, semelhante à nossa maneira de designar o alfabeto: *abc*.

O ogham é também denominado "alfabeto celta das árvores" ou ainda alfabeto druídico sagrado. Tanto os *druidas*⁸ quanto os celtas possuíam muita afinidade com a natureza, em geral e com as árvores, em particular, por guardarem significados misteriosos e ocultos e que somente os iniciados poderiam desvendar. Muitas cerimônias religiosas celtas eram realizadas em bosques sagrados com árvores específicas, conforme o significado mágico de cada uma. O nome de cada letra é também o nome de uma árvore e está simbolicamente relacionada a uma cor e a um animal. Assim, por exemplo, *Beth* se refira à bétula (árvore), vaca (animal) e branca (cor).

O ogham parece ser um fenômeno típico das Ilhas Britânicas, porquanto a maioria das inscrições documentadas são, como vimos acima, originárias da Irlanda e Grã-Bretanha. Duas evidências procuram disputar a origem do alfabeto ogham: a arqueológica aponta para os povos indo-europeus ao norte dos mares Negro e Cáspio, na Europa Oriental; já a evidência botânica, que estuda a distribuição das árvores do alfabeto Ogham, aponta para o vale do Reno e para região da cultura de La Tène⁹, considerada por muitos o berço da cultura celta.

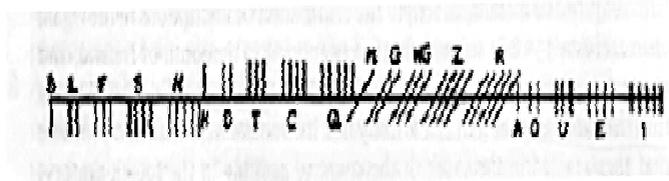
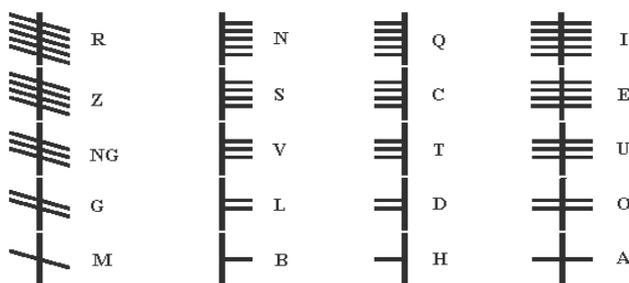
⁸ Nome dos primitivos sacerdotes gálios e bretões. Do antigo celta **derwíjes* "adivinho, vaticinador" (cf. o irlandês *draoi*, genitivo plural *druadh*, o gaélico *draoi*, *draoidh*, *druidh*); outra etimologia, porém, procura ligar o termo a **dru*, *duir* "carvalho", árvore extremamente poderosa e sagrada, e que dá nome a uma das letras do alfabeto ogham. Os druidas, que formavam uma classe sacerdotal, possuíam uma doutrina religiosa e filosófica. Não possuíam templos, reuniam-se nos bosques. Atribuía virtudes misteriosas a certas plantas, entre elas o carvalho e o visgo. Suas atribuições judiciais lhes permitiam exercer influência política, social e religiosa sobre as nações celtas (Gália, Bretanha e Irlanda).

⁹ A cultura de La Tène (de 450 a.C. até a conquista romana) foi uma cultura da Idade do Ferro, assim denominada em referência ao sítio arqueológico de La Tène, no lado norte do lago de Neuchâtel na Suíça, onde um tesouro de artefatos foi descoberto pelo arqueólogo suíço Hans Kopp em 1857. Ao término das escavações, foram identificados cerca de 2500 objetos, feitos principalmente de metal. As armas predominavam, sendo 166 espadas (a maioria sem sinal de uso), 270 pontas de lança e 22 escudos, junto com 385 broches, ferramentas e partes de carros de guerra. Numerosos ossos humanos e de animais foram também encontrados. Desde o momento em que Kopp puxou a primeira espada do lago, La Tène tem despertado o fascínio e a curiosidade de renomados arqueólogos.

Características

O ogham era escrito da esquerda para a direita em manuscritos, e de baixo para cima em pedras. Quando colocado na horizontal, o sentido é da direita para a esquerda. A linha central representa um tronco de árvore, e os traços representam os ramos. Encontra-se agrupado em séries de cinco letras cada, e continha originalmente as quatro primeiras séries. A quinta série, *forfeda* “letras adicionais”, continha primeiro cinco, e depois seis letras para sons importados de outras línguas e que não existiam originalmente no irlandês.

Apresentamos abaixo as formas vertical e horizontal da escrita oghâmica:



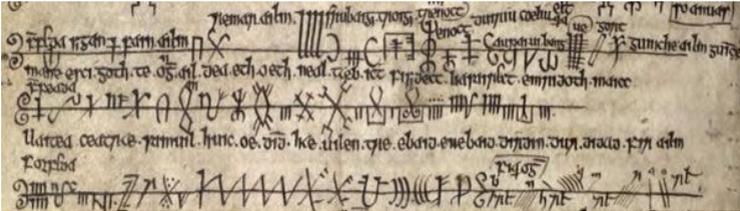
Nota-se a ausência da letra *p*, visto que esse fonema se perdeu no protocelta, ou celta comum, não sendo, pois, substituído no celta-*Q*¹⁰. Seu emprego, entretanto, só foi necessário a partir da incorporação de palavras latinas que continham o fonema /p/ (como Patrick).

¹⁰ As línguas célticas derivam de dois ramos indo-europeus do grupo denominado *centum*: o celta-*Q* (goidélico), mais antigo, do qual derivam o irlandês, o gaélico da Escócia e a língua manx, ou manqués, da Ilha de Man, e o celta-*P* (galo-britânico), falado pelos gauleses e pelos habitantes da Bretanha, cujos descendentes modernos são o galês (do País de Gales) e o bretão (na Bretanha).

LEITURA E ORALIDADE

Nota-se também que as quinze consoantes são listadas antes das cinco vogais. Segundo a tradição, essa era a ordem dos verbetes nos dicionários dos antigos monges.

Apresentamos, a seguir, um fragmento do Livro de Ballymote (**Baile an Mhóta**, em irlandês), manuscrito irlandês em ogham do século XIV. É uma compilação de vários assuntos, destacando-se a história da vida de São Patrício e a genealogia de vários reis e clãs irlandeses.



Fonte: <http://www.answers.com/topic/forfeda>

Alfabeto uncial irlandês/Escrita Gaélica

O alfabeto *uncial*¹¹ teve origem nos manuscritos medievais, como alternativa ao alfabeto latino. Foi usado no irlandês impresso até bem recentemente e é ainda usado em sinais de estradas e cartazes públicos em várias regiões da Irlanda. Eis o texto bíblico do Pai Nosso Como os povos celtas não possuíam escrita e difundiam o conhecimento apenas por via oral, as informações hoje disponíveis sobre eles foram obtidas principalmente através do testemunho dos romanos durante as invasões à Bretanha. Isto não permite traçar um quadro completo e imparcial do que foi a realidade quotidiana desses povos.

Quando São Patrício (santo padroeiro da Irlanda) introduziu o Cristianismo na Irlanda no século V d.C., os escritores irlandeses

¹¹ Nos sistemas de escrita grego e latino, tipos de letras utilizadas até o século XIII d.C., caracterizados pelo uso de letras maiúsculas. Teria sido Jerônimo quem deu a estas letras, relativamente grandes, o nome de *litterae unciales* (ie letras da altura de uma unha). Foi amplamente desenvolvido nos ambientes cristãos a partir do século III d.C. Ulfilas, bispo ariano, apóstolo dos godos (c. 311 – c. 383), ao traduzir a Bíblia para o gótico, acabou criando o famoso *alfabeto gótico* a partir das unciais gregas.

Círculo Fluminense de Estudos Filológicos e Linguísticos

começaram a escrever em latim, o que levou o alfabeto latino a substituir as outras formas de escrita. As invasões dos Vikings nos séculos IX e X contribuíram para a destruição de muitos manuscritos preciosos, e os que sobreviveram são posteriores a essa época.

Nesse alfabeto:

AN RÁDOR
ÁR DÁDAR ADÁ AR DEAD,
SO DAOGAR D'AINM,
SO DASA DO RÍOCT;
SO DÓEADTAR DO TOIL AR AN
DOTALAID MAR DÍTEAR AR DEAD.
ÁR D-ÁRAN LAETÁIL TABAIR DÁIDN IDIA;
AGUS MAIC DÁIDN ÁR BFIACA,
MAR A MÁITIMIONE DÁR BFEICÍADA FEIN;
AGUS NÁ LIS SINN I SCATÁ,
AC SAOR SINN Ó OLC. Amen.

=====

From the official text of the Holy Mass in Irish as approved by the Irish Episcopal Conference,
operative from the First Sunday of Easter 1965.
Imprimi potest: †Michael Episcopus Galviensis et Duacensis.

Submitted by John Dominic Dowling, The Coppins, Foxrock, Dublin 18. jddowling@iname.com

Transliteração em Irlandês Moderno

Ar n-Athair a tha air nêamh, Gu naomhaichear d'ainm.
Thigeadh do ríoghachd.
Dèanar do thoil air an talamh mar a nithear air nêamh.
Tabhair dhuinn an-diugh ar n-aran làitheil.
Maith dhuinn ar fiachan, amhail a mhaitheas sinne dar luchd-fiach.
Sàbhail sinn bho àm na deuchainne, agus saor sinn o olc: oir is leatsa an ríoghachd, agus an cumhachd, agus a' ghlòir, gu siorraidh.
Amen.

LEITURA E ORALIDADE

O Alfabeto Irlandês Moderno (an aibítir)

Atualmente o irlandês emprega o alfabeto latino convencional, embora a reforma ortográfica de 1957 tenha eliminado algumas letras mudas que ainda se usam no gaélico escocês.

A a	B b	C c	D d	E e	F f	G g	H h	I i
[á]	[bé]	[ce]	[dé]	[é]	[eif]	[ge]	[héis]	[í]
L l	M m	N n	O o	P p	R r	S s	T t	U u
[eil]	[eim]	[ein]	[ó]	[pé]	[ear]	[eas]	[té]	[ú]

As letras j (jé), k (ká), q (cú), v (vé), w (wae), x (ex), y (yé) e z (zae) não ocorrem em palavras nativas, somente aparecem nos empréstimos, geralmente do inglês, como, por exemplo, **jab** (job “emprego”) e **veain** (van “caminhão fechado”).

Vogais e ditongos

As vogais irlandesas propriamente ditas são cinco: a, e, i, o, u, às quais se costuma acrescentar ea, que é sempre breve e tem o mesmo som de a. Como o latim, o irlandês possui vogais *longas* ou *breves*. As vogais longas são geralmente indicadas na escrita pelo acento agudo.

As vogais longas são: **á, é, í, ó, ú**. Estas vogais são sempre pronunciadas como tais, em qualquer posição na palavra.

As vogais breves são: **a, ea, e, i, o, u**. As vogais breves são pronunciadas como no quadro abaixo somente quando ocorrem em sílaba tônica. Todas as vogais em sílaba átona são pronunciadas como uma vogal neutra ou *schwa* [ə], como no inglês “agony” [ˈæɡəni].

Vogais Longas		
<i>í</i>	[i:] como em “isto”	cailín [ka:li:n] “menina”
<i>é</i>	[e:] como em “pé”	gé [ˈge:] “ganso”
<i>á</i>	[a:] como em “casa”	cáis [kaʃh] “queijo”
<i>ó</i>	[o:] como em “mole”	bó [bo:] “vaca”
<i>ú</i>	[u:] como em “agudo”	glún [glu:n] “joelho”

Há três combinações de vogais que são sempre pronunciadas como longas, embora não levem acento agudo:

- **ae** [e:] **Gael** [g (w)e:l] “gaélico, irlandês”
 - **eo** [o:] **ceo** [kˈo:] “nevoeiro”
- **ao** [i:] **gaoth** [gi:] “vento”

Além desses dois há dois outros fonemas oscilantes [iə] e [uə]. *Exemplos:* fia [fˈiə] “cervo”; uan [uən] “cordeiro”

Vogais Breves		
<i>i</i>	[ɪ] como em “pipa”	mil [milˈ] “mel”
<i>e</i>	[ɛ] como em “seta”	te [tˈɛ] “quente”
<i>a</i>	[a] como em “falar”	agus [agəs] “e” (conjunção)
<i>o</i>	[ɒ] como em “pote”	scoil [skolˈ] “escola”
<i>u</i>	[ʊ] como em “bula”	muc [muk] “porco”

No irlandês contemporâneo há apenas dois ditongos estáveis, que sempre ocorrem na escrita em combinação de vogais e consoantes:

O ditongo [au] como em “mau”:

- **abh** como em *fabhra* [faurə] “cílio”
- **abha** como em *seabhac* [ʃauk] “gavião”

LEITURA E ORALIDADE

- **abh** como em *meabhair* [m`aur] “intelecto”
- **eabh** como em *samhradh* [saurə] “**verão**”
- **omh** como em *domhan* [daun] “mundo” e o ditongo [ai] como em “cai”:
- **adh** como em *adhmad* [aiməd] “**madeira, floresta**”
- **adha** como em *adharc* [airk] “chifre”
- **aith** como em *raidhse* [raišə] “**abundância**”
- **agha** como em *saighdiúir* [said`u:r] “soldado”

Consoantes

Em português *pato* e *bato* são vocábulos distintos, e o que os torna distintos é a presença ou a ausência da sonoridade na consoante inicial. O mesmo se aplica a *tato* e *dato*, *selo* e *zelo*, *chato* e *jato* etc. Em português e em muitas outras línguas, enquanto as vogais são sempre sonoras, as consoantes podem ser ou não produzidas com vibração das cordas vocais.

O irlandês possui o mesmo traço distintivo entre consoantes surdas e sonoras. Porém, há outro traço não compartilhado com o português: onde o português usa somente um tipo de /p/, o irlandês emprega dois, e o mesmo se aplica às demais consoantes. Essa distinção em irlandês é conhecida pelos termos *caolú* “fechamento” e *leathnú* “abrimento”.

As letras b, d, f, c (k), l, m, n, p, s, t têm o mesmo som que em português, contudo é importante observar que, no caso de *m-n*, por exemplo, nós fechamos os lábios na pronúncia do *m*, mas os deixamos abertos na do *n*, como em *mau* e *noite*. Essa é apenas uma comparação aproximada. No irlandês o fenômeno não se limita apenas a duas consoantes, já que uma mesma consoante pode assumir as duas formas. Conforme essa regra, uma consoante velar é indicada por uma vogal “aberta” *a*, *o* ou *u*, e uma palatal por uma “fechada” *e* ou *i*. Muitas distinções semânticas também se fazem através desse mecanismo. Assim, por exemplo, velar *éan* [e:n] “pássaro”, palatal *éin* [e:n] “pássaros”.

Círculo Fluminense de Estudos Filológicos e Linguísticos

Em termos fonéticos, as consoantes “fechadas” são *palatalizadas* (ie pronunciadas com o dorso médio ou anterior da língua tocando ou aproximando-se do palato duro), ao passo que as “abertas” são *labiovelarizadas* (ie produzidas com o estreitamento ou a oclusão do palato mole e o dorso posterior da língua, em combinação com o arredondamento dos lábios). Simplificando, as consoantes palatalizadas soam como se fossem seguidas da semivogal *y* e as labiovelarizadas como se fossem seguidas da semivogal *w*.

Há situações em irlandês em que o falante é obrigado a labiovelarizar ou a palatalizar a consoante final de uma palavra. Por exemplo, para formar o genitivo de alguns nomes tem que palatalizar; para outros, tem que labiovelarizar.

Levando-se apenas em conta os traços fônicos distintivos – labiovelarização e palatalização – teríamos o seguinte quadro:

Consoante	Exemplo	Tradução
b > /b/	bád	barco
	beoir	cerveja
bh > /w/ /v/	mo bhád	meu barco
	an bheoir	a cerveja
<i>Quando aberto, o dígrafo bh é sempre pronunciado como /w/. Porém, antes de l e r soa como /v/.</i>		
c > /k/	cat	gato
	ceann	um, cabeça
ch > /kh/	mo chat	meu gato
	mo cheann	minha cabeça
<i>Quando aberto, o dígrafo ch é pronunciado como o gaélico escocês loch.</i>		
<i>Quando fechado, é pronunciado na parte mais frontal da boca como o alemão Ich.</i>		
d > /d/ /dj/	doras	porta
	deoch	bebida
<i>Quando aberto, o d soa como o português, quando fechado, como o j em inglês.</i>		
dh > /y/	mo dhoras	minha porta

LEITURA E ORALIDADE

	mo dheoch	minha bebida
	<i>Quando fechado, o dígrafo dh soa exatamente como y em inglês; quando aberto, é mais gutural.</i>	
f > /f/	fada	longo
	fear	homem
fh	an-fhada	muito longo
	don fhear	para o homem
	<i>O dígrafo fh é sempre mudo.</i>	
g > /g/	gairdín	jardim
	geata	portão
gh > /g/	sa ghairdín	no jardim
> /y/	mo gheata	meu portão
	<i>O dígrafo gh — tanto aberto como fechado — se comporta como dh.</i>	
h > /h/	hata	chapéu
l > /l/	lón	almoço
	leabhar	livro
ll > /l' /	balla	muro, parede
	billeog	folha, folheto
m > /m/	máthair	mãe
	méar	dedo
mh > /w/	mo mháthair	minha mãe
> /v/	mo mhéar	meu dedo
	<i>O dígrafo mh — tanto aberto como fechado — se comporta exatamente como bh.</i>	
n > /n/	naomh	santo
	neamh	céu
nn > /n/	donn	marron
	binne	doçura
ng > /ŋ/	rang	classe
	daingean	fortaleza

P > /p/	Pádraig	Patrick
	Peadar	Peter
ph > /f/	a Phádraig	Ó Patrick (vocativo)
	a Pheadar	Ó Peter (vocativo)
r > /r/	rothar	bicicleta
	rince	dança
<i>O r fechado — quando ocorre no início da palavra — pronuncia-se com a língua achatada contra o palato. É um som vibratório /rzh/ de difícil aproximação com o português.</i>		
s > /s/	salach	sujo
	sean	velho
<i>Quando fechado, o s é pronunciado como /h/ aspirado.</i>		
sh > /h/	ró-shalach	muito sujo
	ró-shean	muito velho
<i>O dígrafo sh é sempre pronunciado como /h/ aspirado.</i>		
t > /t/	Tomás	Tomás
	> /kh/ teach	casa
<i>Quando fechado, o t é pronunciado como o dígrafo ch. É a contraparte surda do d.</i>		
th > /h/	a Thomáis	Ó Tomás (vocativo)
	> /h/ mo theach	minha casa
<i>O dígrafo th é sempre pronunciado como /h/ aspirado.</i>		

Mutações

Um dos traços fonéticos comuns a todas as línguas célticas é o que se tornou conhecido como mutações das consoantes iniciais. Essas línguas variam quanto ao número de mutações: o gaélico escocês e o manx possuem apenas uma, o irlandês duas; já as línguas do

LEITURA E ORALIDADE

ramo britônico¹² (galês, bretão e córnico) possuem três cada, embora não exatamente as mesmas. Em todas essas línguas, o substantivo feminino singular sofre mutação após o artigo definido; já os adjetivos sofrem mutações após substantivo feminino singular. De mesma forma, os adjetivos possessivos provocam uma série de mutações. Vejamos alguns exemplos.

Bretão	Irlandês	Galês	Tradução
<i>gwreg</i>	<i>bean</i>	<i>gwraig</i>	mulher
<i>bras</i>	<i>mór</i>	<i>mawr</i>	grande
<i>ar wreg vras</i>	<i>an bhean mhór</i>	<i>y wraig fawr</i>	a mulher grande
<i>kazh</i>	<i>cat</i>	<i>cath</i>	gato
<i>e gazh</i>	<i>a chat</i>	<i>ei gath</i>	o gato dele
<i>he c'hazh</i>	<i>a cat</i>	<i>ei chath</i>	o gato dela
<i>o c'hazh</i>	<i>a geat</i>	<i>eu cath</i>	o gato deles

No inglês contemporâneo, o artigo indefinido *an* “um, uma” representa a evolução de *one* (numeral “um”), por isso a expressão “an apple” deriva de “one apple”. Com o passar dos séculos, o *-n* caiu antes de consoantes, e atualmente se diz “a boy” e “a girl”, e não “an boy” e “an girl”. Processo semelhante se deu em relação ao irlandês. A preposição *i* “em”, por exemplo, terminava em *-n* no período antigo da língua (cf. o inglês *in*, o latim *in* ou o grego *en* etc.). É como se disséssemos em inglês “a moy” em vez de “a boy” e “a ngirl” em vez de “a girl”, ou ainda em português, com relação ao artigo definido, “a moi”, em vez de um “o boi” e “a ngarota”, em vez de “a garota”. Daí:

<i>i leabhar</i>	“em um (num) livro”
<i>i n-áit</i>	“em um (num) lugar”

Quando a palavra seguinte começa por uma vogal, como *áit*, o *n* reaparece, exatamente como em inglês “an apple”. Porém, no gálico irlandês a situação é bem mais complexa. O *n* reaparece não

¹² Nos sistemas de escrita grego e latino, tipos de letras utilizadas até o século XIII d.C., caracterizados pelo uso de letras maiúsculas. Teria sido Jerônimo quem deu a estas letras, relativamente grandes, o nome de *litterae unciales* (ie letras da altura de uma unha). Foi amplamente desenvolvido nos ambientes cristãos a partir do século III d.C. Ulfilas, bispo ariano, apóstolo dos godos (c. 311 – c. 383) ao traduzir a Bíblia para o gótico, acabou criando o famoso *alfabeto gótico* a partir das unciais gregas.

apenas com um *-n*, mas em várias outras formas dependendo da palavra seguinte. Essa mudança no início das palavras é denominada *eclipsis* “obscurcimento”. Como veremos, outras formas de mutação ocorrem, como as denominadas “mutações iniciais”. Esse tipo de mutação é um dos mais desafiantes na fonologia gaélica, já que, como o próprio termo exprime, a mutação ocorre no início da palavra, tornando, muitas vezes, sua forma praticamente irreconhecível se comparada com aquela registrada nos dicionários.

Lenização (séimhiú)

A mutação inicial mais comum é através do processo a que os linguistas denominam *lenização* (i.e. abrandamento, do latim *lĕnĭtās*, com o mesmo sentido). Trata-se de um processo fonológico particular de algumas línguas em que a pronúncia de certas consoantes se torna abrandada ou relaxada, e de maneira gradual uma consoante é substituída por outra (Lockwood, 1975, p. 82-84). Esse processo teve início ainda no período anglo-saxônico (século V d.C.), dando origem às correspondências do tipo:

Latim	Inglês
cordis	heart “coração”
pater	father “pai”
tres	three “três”

O *c* original do indo-europeu foi abrandado no germânico passando a *h*, o *p* evoluiu para *f* e o *t* para *th*. Observa-se que o *f* em *father* é pronunciado com os lábios, do mesmo modo que o *p*; porém, o contato com os lábios é abrandado de maneira a permitir a saída do ar. De modo idêntico, o *th* em *there* é pronunciado quase igual ao *t*, exceto que o contato com a língua é mais brando, permitindo a saída do ar.

Apresentamos a seguir a mesma tabela com a inclusão das palavras irlandesas equivalentes:

LEITURA E ORALIDADE

Latim	Irlandês	Inglês
cordis	croidhe	heart “coração”
pater	athair	father “pai”
tres	trí	three “três”

No irlandês, as consoantes sofreram um abrandamento semelhante, mas somente quando intervocálicas e não no início de palavras. Assim, o *t* medial da palavra *athair* abrandou-se em *th*, exatamente como no inglês *three* (o *p* inicial simplesmente caiu). No irlandês antigo, esse *th* deveria ser pronunciado de maneira bem aproximada do *th* do inglês contemporâneo, mas no irlandês moderno foi abrandado em *h*.

A palavra inglesa *right* “certo, correto” é cognata da palavra latina *rēctus*, com o mesmo sentido: o *c* abrandou-se em *ch* como no escocês *loch* [la:x] ou no alemão *Bach* [ba:x] “ribeiro, riacho” (embora grafado *ch*). Posteriormente, o som abrandado se perdeu no discurso falado e a vogal alongou-se, em compensação. Algo semelhante aconteceu com a palavra irlandesa *croidhe*. O *d* abrandou-se, o *dh* deveria ser pronunciado como o *th* da palavra inglesa *there* “lá”. Porém, com o passar dos tempos, esse som desapareceu e a vogal alongou-se, de modo que no irlandês moderno a palavra passou a ser pronunciada e grafada *croí*.

A lenização ocorre em irlandês pela combinação da letra original com a letra *h*, como *th*, *ch*, *ph*, ou *sh* em inglês. Em inglês, o *ph* representa o som de /f/, não de /p/ seguido de *h* e do mesmo modo, combinações de letras com *h* em irlandês representam sons separados. Antes do advento da máquina de escrever, usava-se um símbolo diacrítico chamado *sí buailte* (•) para indicar a lenização de algumas consoantes no irlandês escrito. A letra *h* passou a substituir esse símbolo, inclusive em nomes próprios, como por exemplo, *Sean Bhan Bhocht* = Shan Van Vocht ou *Stíóphán* = Stefawn.

A lenização é um traço fundamental na fonologia e na morfologia da língua. No início das palavras, a lenização se gramaticalizou, isto é, a ocorrência ou não da lenização dependerá de como a palavra está sendo usada. Assim, por exemplo, a palavra “vaca” é *bó*, mas “a vaca” é *an bhó*, com o *bh* representando o *b* lenizado, que tem o som de /v/. De modo semelhante, se quisermos dizer em irlan-

Círculo Fluminense de Estudos Filológicos e Linguísticos

dês “meu amor”, temos que juntar o adjetivo possessivo *mo* antes de *grá*. Ora, a palavra “*mo*” termina em vogal, por isso a primeira consoante de “*grá*” é lenizada em “*mo ghrá*”.

O irlandês moderno, como afirmamos acima, marca a lenização inserindo um *h* após a consoante lenizada. Cada combinação de consoantes com o *h* representa um novo som relacionado com o original, mas significativamente diferente. Consoantes lenizadas podem aparecer também no meio ou no final das palavras e, por alguma razão, nas formas mais antigas da língua, todas eram precedidas de vogais.

Exemplificando, o adjetivo possessivo *a* tanto pode significar “dele ou dela”. Referindo-se ao masculino, a lenização se impõe. Comparemos:

Sem lenização = "dela"		Com lenização = "dele"	
a croí	<i>seu coração</i>	a chroí	<i>seu coração</i>
a máthair	<i>sua mãe</i>	a mháthair	<i>sua mãe</i>
a buachail	<i>seu namorado</i>	a chailín	<i>sua namorada</i>

De modo semelhante, em certas colocações de preposições com o artigo, a lenização estabelecerá a diferença entre “ele” e “ela” (caso oblíquo em português). Sem lenização, o significado será sempre “por ela” ou “contra ela”, mas jamais “por ele” ou “contra ele”.

Sem lenização = "ela"		Com lenização = "ele"	
ina cóir	<i>por ela</i>	ina chóir	<i>por ele</i>
ina coinne	<i>contra ela</i>	ina choinne	<i>contra ele</i>

Eclipse (urú)

Eclipse consiste na substituição de um fonema inicial por outro. Diante da complexidade do tratamento do eclipse e para não alongarmos ainda mais nossa exposição, limitaremos os exemplos de sua ocorrência somente com a preposição *i* “em”.

1. Palavras iniciadas pelas consoantes (**h**, **l**, **m**, **n**, **r** e **s**) não sofrem nenhuma alteração:

LEITURA E ORALIDADE

Consoante	Original		Com a preposição <i>i</i> "em"	
h	<i>halla</i>	muro	<i>i halla</i>	no muro
l	<i>leabhar</i>	livro	<i>i leabhar</i>	no livro
m	<i>mias</i>	prato	<i>i mias</i>	no prato
n	<i>nead</i>	ninho	<i>i nead</i>	no ninho
r	<i>ráiteas</i>	declaração	<i>i ráiteas</i>	na declaração
s	<i>siopa</i>	loja	<i>i siopa</i>	na loja

2. Palavras iniciadas por vogais acrescentam simplesmente um *n*– (prefixado):

Vogal	Original		Com a preposição <i>i</i> "em"	
a	<i>áit</i>	lugar	<i>i n-áit</i>	no lugar
e	<i>Éire</i>	Irlanda	<i>i n-Éirinn</i>	na Irlanda
i	<i>íthir</i>	terra cultivada	<i>i n-íthir</i>	na terra cultivada
o	<i>óstán</i>	hotel	<i>i n-óstán</i>	no hotel
u	<i>uacht</i>	testamento	<i>i n-uacht</i>	no testamento

3. Palavras iniciadas pelas consoantes surdas (**c, f, p e t**), substituem essas consoantes pelas equivalentes sonoras (**g, v, b e d**) respectivamente:

Consoante	Original		Com a preposição <i>i</i> "em"	
c	<i>cás</i>	dificuldade	<i>i gcás</i>	em dificuldade
f	<i>feidhm</i>	função	<i>i bhfeidhm</i>	em funcionamento
p	<i>pub</i>	bar	<i>i bpub</i>	no bar
t	<i>tráth</i>	tempo, hora	<i>i dtráth</i>	em tempo

4. Palavras iniciadas pelas consoantes sonoras (**b, d e g**), substituem essas consoantes pelas equivalentes nasais (**m, n, e ng**) respectivamente:

Consante	Original		Com a preposição <i>i</i> "em"	
b	<i>bosca</i>	caixa	<i>i mbosca</i>	na caixa

d	<i>dán</i>	destino, sina	<i>i ndán</i>	destinado, fadado
g	<i>gort</i>	campo	<i>i ngort</i>	no campo

Nota-se que, embora não seja pronunciada, a letra inicial de uma palavra permanece na escrita quando a mesma sofre eclipse. Desse modo, *i bpub* é pronunciada [ibub]. Palavras começadas por *f* têm esse fonema substituído por /v/, grafado *bh*, mas o *f* original permanece na grafia.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Vimos que o irlandês apresenta um dos mais complexos sistemas fonológicos das línguas indoeuropeias. Dentre esses, destacam-se as mutações consonantais, conhecidas como lenização (a-brandamento) e eclipse (substituição de um fonema inicial por outro). Originalmente essas mutações eram fonologicamente governadas pelos processos de *sândi* externo (ie modificação que afeta foneticamente o início e o final duma palavra ou de um morfema, quando combinado com outro elemento na cadeia): a lenização foi causada por uma consoante entre duas vogais, e o eclipse por uma sequência de consoante nasal + uma obstruente (oclusiva, fricativa ou africada), também no início de uma palavra.

A lenização muda a maneira de como uma letra é pronunciada, e é assinalada graficamente pela inserção do **h** após a letra inicial de uma palavra. No irlandês, isso ocorre quando a palavra é usada de maneira específica, ou se coloca após certas palavras, como o artigo, as preposições, os possessivos etc.

Como a lenização, o eclipse é causado pela palavra precedente e pode afetar tanto as consoantes quanto as vogais (diferentemente da lenização, que afeta somente as consoantes). O eclipse acrescenta uma letra que substitui o som da letra original.

Como podemos perceber, a presença ou ausência de mutação nas consoantes reveste, em irlandês, alta importância, por ser um traço distintivo que afeta não apenas a pronúncia, mas também a grafia e, em muitos casos, o significado de alguns sintagmas.

LEITURA E ORALIDADE

BIBLIOGRAFIA

ARTICLES on the Irish Language “Foras Eolais na Gaeilge”. Disponível em: <http://www.irishgaelictranslator.com/articles>. Acesso em 06/02/2008

BROAD and Slender. *Consonants in Irish*. Disponível em: <http://www.fiosfeasa.com/bearla/language/caol.htm>. Acesso em 06/02/2008.

D'AUTERIVE, R. Grandsaignes. *Dictionnaire des racines des langues européennes*. Paris: Larousse, 1948.

FORFEDA. <http://www.answers.com/topic/forfeda>. Acesso em 08/02/2008.

GREGOR, D. B. *Celtic: a comparative study*. Cambridge: Oleande Press, 1980.

HAYWOOD, John. *Atlas of the Celtic world*. London: Rhames & Hudson, 2001.

IRISH phonology. Disponível em: http://en.wikipedia.org/wiki/Irish_phonology. Acesso em 08/02/2008.

KRUTA, Venceslas. *Celtes. Histoire et dictionnaire. Des origines à la romanisation et au christianisme*. Paris: Robert Laffont, 2000.

LOCKEWOOD, W. B. *Languages of the British Isles past and present*. London: Andre Deutsch, 1975.

OLIVEIRA, João Bittencourt de. Panorama atual das línguas célticas nas ilhas britânicas. In: *Cadernos do CNLF*, Vol. IX, nº 17. Rio de Janeiro: CiFEFiL, 2005, p. 235-254.

ONIONS, C. T. *The Oxford dictionary of English etymology*. Oxford: Oxford University Press, 1966.

PENNICK, Nigel, and Nigel Jackson. *The Celtic oracle*. London: Aquarian Press, 1991.

POWELL, T.G.E. *The Celts*, ed. rev. Londres: Thames & Hudson Publishers, Inc., 1959.

Círculo Fluminense de Estudos Filológicos e Linguísticos

SIMS-WILLAIMS, Patrick. *The Celtic inscriptions of Britain: phonology and chronology, c. 400-1200*. (Publications of the Philological Society 37). Oxford: Blackwell Publishing, 2003.

THE Lord's Prayer in Irish. Disponível em:
www.christusrex.org/www1/pater/JPN-gaelic.html. Acesso em 8/02/2008.

TRUDGILL, Peter. *Language in the British Isles*. Cambridge: Cambridge University Press, 1984.

WALTER, Henriette. *L'aventure des langues en occident: leur origine, leur histoire, leur géographie*. Paris: Robert Laffont, 2000.